



JOÃO DO RIO: descobrir Portugal/redescobrir o Brasil

Edmundo Bouças

Polêmicas, como praticamente todas as “montagens” do escritor, as relações estabelecidas por João do Rio com Portugal continuam provocando diferentes alinhamentos de leitura, divergentes roteiros de interpretação.

Nascido no Rio de Janeiro, em 5 de agosto de 1881, Paulo Barreto (João do Rio) constitui a grande referência da *Belle Époque* literária brasileira. Pesquisas recentes¹ confirmam os ingredientes de escrita a partir dos quais ele teria encontrado modelo em Jean de Paris; muito embora a maioria dos estudiosos insista em identificar a origem do pseudônimo com que se consagrou na imagem de Jean Lorrain, considerando-se a predileção pelos tíques do *bas-fond*, as inflexões dos apelos noturnos da rua, o *frisson* de scandalizar pelo exótico. Seguramente, a crônica constitui o gênero no qual João do Rio concentrou o esforço mais sedimentado de sua obra. Realocando as circulações do *flanêur*, suas crônicas documentam a fisionomia da capital do Brasil diante dos fantasmas da modernização. As ressonâncias do código fluymsiano reaquecem em seus textos o apetite por degenerescências e nevroses, estimulando o cronista a penetrar logradouros de repúblicas marginais, a avizinhar-se da cidadania prosrita, a revisitar a cidade escondida pelas fachadas da moda. Cruzando os anseios artificiais da estética wilhdiana com a fatura de um propósito cínico que devassa o mundanismo da grã-finagem fluminense, João do Rio denuncia o parasitismo dos notáveis,² os jogos de interesses servidos no banquete da Primeira República. Histriônico, pouco de seus textos procura entrever um narrador sempre provisório, sempre outro, permitindo a Paulo Barreto falar de um lugar cortado obliquamente, nutrido-se da própria caricatura, até morrer, em 23 de junho de 1921, às vésperas da semana paulista que deflagraria a revolução do Modernismo Brasileiro.

Pelo *remake* do Decadentismo, João do Rio absorveu marcações que nortearam o ingresso de sua produção nos domínios teatrais postulados pelo dandismo, procurando fazer com que o cenário renovador da capital desdobrasse na escrita uma encenação paralela. Nessa dobra, ele enfoca as transformações da cidade, diante do *script* por meio do qual a sociedade imaginava absorver as representações do moderno e do cosmopolita na percepção do espaço urbano decidido de forma cênica ou teatral. Posturas que o autor referendaria nos artifícios com que textualizou as ribaltas do próprio teatro, na superposição de suas muitas máscaras, nas atuações camaleônicas com que expandiu para o interior do espaço ficcional a vertigem sofrida pelo Rio de Janeiro em face da cirurgia levada a termo por Pereira Passos, que pretendeu exibir nos trópicos um decalque da Paris reformada por Haussmann.

Na investida textual dossignos da cidade, o autor de *A alma encantadora das ruas*³ incorporou pelas ficções da metamorfose urbana a pontuação dos enredos que demarcaram os espaços de uma capital partida entre a vitrine e o escombros, ao exibir de um lado as cintilações do triunfalismo republicano, de outro, o amontoamento periférico de uma população excluída, para não alterar o programa da *season* cosmopolita. Montagens de uma rubrica dupla, cujos deslizamentos escriturais permitiram-lhe alternar os registros do “repórter andarilho” com os do “cronista mundano,”⁴ favorecendo incursões que – em visita ao submundo carioca – apreenderam os roteiros de uma cartografia liminar, que rasurava os diagramas prescritos pelas utopias da cidade higiênica.

Como aponta Alexandre Eulálio,⁵ a ruptura com as convenções do jornalismo permitiu a João do Rio “adotar propostas de denúncia vária.” Algumas dessas propostas levaram o autor de *As Religiões no Rio*⁶ a requisitar os recursos de um observador *in loco*, consolidando compromissos não apenas transformadores do exercício jornalístico, mas ativando um regime de escrita, onde o comando aligeirado da crônica-reportagem manobrou enfoques que contrariavam os aparatos da euforia reformista obstinada em substituir a “cidade suja e colonial” pela “cidade moderna e civilizada.”

Confirmando o perfil autoritário acionado pelo projeto de modernização nos países periféricos, a elite carioca – como observa Mônica Velloso⁷ – passou a cultivar a ideologia cientificista que alinhou a Modernidade como sintaxe mitificadora ocupada em conferir, pelo modelo civilizatório, a incompatibilidade entre as manifestações da tradição e os valores modernos, a improcedência de conciliação entre a cultura popular e os ideais progressistas. Tais observações aproximam-se dos comentários críticos

construídos por Jaime Larry Benchimol,⁸ ao examinar o cipoal de decretos promulgados por Pereira Passos com o objetivo de impedir que práticas tradicionalmente arraigadas integrassem o palco da urbe saneada, num discurso censor através do qual o Estado deveria transformar a mentalidade dos “homens rudes do povo” e banir suas “velhas usanças.”⁹

Na compreensão de Monica Velloso, João do Rio dramatiza o embaraço das tradições populares diante do caráter fantasmagórico assumido pela modernização, ao distender recursos de representação que – apesar de muitas vezes alinhavados por uma atitude “dúbia e conflituosa” – se revestem de um princípio transgressor que ativa um campo de auscultação do popular. Essa atitude é destacada pela historiadora, mostrando como João do Rio habilita a contraparte de sua admiração pelos ideais do progresso numa escrita arqueada por um sentimento consternado, que desnuda a experiência moderna de desenraizamento. Assim, ao reativar indicativos que permeiam a defesa das matrizes de nossas manifestações populares, João do Rio mobiliza as pistas de um “*tonus* de re-cordação” capaz de emitir uma pauta em dissonância com os acordes disciplinares a serviço dos empresários da República, desafinando, como observa Antonio Cândido, “no coro de louvações do tipo o ‘Rio civiliza-se.’”¹⁰ É exatamente nesse feixe da tradição colonial, “monarquista, pré-romântica e antipositivista” – nas palavras de Raúl Antelo¹¹ – que João do Rio monta um olhar em “aberta oposição aos ideais patriarcais,” escolhendo a “Pátria-Mãe como ponto de mira.”

Naturalmente, ao imprimir as solicitações de um desempenho voltado para a incorporação dos ícones de sua época, atento portanto às indicações do cosmopolitismo, João do Rio não poderia deixar de responder às rubricas que requisitavam as modalidades modernas de se exibir como *cidadão do mundo*, reconhecendo nas *figurações do viajante* uma cadência análoga ao teatro moderno de mutações da cidade, ela própria uma instância confirmadora da *aventura do novo*.

Durante a *Belle Époque* carioca, como lembra Sandra Nitrini, a prática de viagem à Europa voltou-se para uma atração pelo luxo e luxúria de Paris, gerando narrativas – como as traçadas por Theo Filho (*365 dias de Boulevard*), Tomás Lopes (*Corpo e alma de Paris*) e José Augusto Correia (*Paris Luz, Paris Trevas*) – que tematizam uma *literatura de viagem epidérmica, caracterizada por descrições superficiais e paisagísticas*,¹² de modo geral comprometida em louvar a capital francesa enquanto *modelô, mito e meta*, conforme sublinha Jorge Schwartz,¹³ ao refletir sobre a experiência de autores latino-americanos *cosmopolitas de bagagem* das primeiras décadas do século.

Na análise dos roteiros de viagem cumpridos por alguns de nossos autores no início do século, Brito Broca¹⁴ considera o *cosmopolitismo visceral* de João do Rio afetado pelos sintomas que nutriam o vício de uma *romaria indefectível* a Paris. Certamente, diversos textos do escritor corroboram os reclames formulados pela galomania da época. Inúmeras de suas narrativas esmiuçam contrapontos entre a provinciana “cabeça urbana do país” e a “cabeça luminosa do mundo,” traduzindo um evidente encanto pela capital francesa, consagrada como “metrópole da arte e da moda.” Por outro lado, de acordo com pistas levantadas por Raúl Antelo, podemos considerar que os relatos das viagens de João do Rio atijam uma performance ambígua, capaz de afrontar a literatura de panegírico que endossava a hegemonia de Paris como emblema do viajante da *Belle Époque*.

Raúl Antelo divisa no horizonte da experiência européia de João do Rio procedimentos de escrita que perfilam um comportamento proto-modernista, destacando a antecipação do *juízo oswaldiano*¹⁵ com que o escritor carioca abre as crônicas de *Portugal d’agora*:¹⁶ *O homem que viaja é o ser dominante do momento universal. É preciso ser o homem que viaja.* O trecho desse *olhar transitivo* leva o crítico a reconhecer em João do Rio um corpo-viajante que desbrava signos de repatriamento: *para o cronista, viajar ainda é a melhor escola de patriotismo.* Tal leitura corre paralela ao campo desdobrado por Jorge Schwartz,¹⁷ em *As Vanguardas Latino-americanas*, ao observar Oswald de Andrade redescobrimdo o Brasil em Paris, referência que arremata diretamente as observações de Pierre Rivas,¹⁸ em *Paris como capital literária da América Latina*, ao examinar a experiência do *détour* parisiense como revelação do escritor da periferia: o afastamento que favorece o desvelamento nacional.

No consagrado artigo *Quando o brasileiro descobrirá o Brasil?* publicado na *Gazeta de Notícias*, em 6 de agosto de 1908, João do Rio critica a ignorância do brasileiro diante das questões nacionais, mostrando como a dependência e o interesse pela realidade estrangeira abastecem nosso desconhecimento das coisas nativas. Tal artigo anunciaria a intenção do autor de verificar em suas viagens a possibilidade de *redescobrir lá fora o Brasil*, de exercitar no interior dos próprios textos novas rotas do reenraizamento?

De acordo com indicações de R. Magalhães Júnior,¹⁹ a primeira viagem de João do Rio à Europa desdobrou-se do interesse imediato por parte da *Gazeta de Notícias* – jornal para o qual o cronista trabalhava – de fornecer aos integrantes da numerosa colônia lusitana no Rio de Janeiro informações mais diretas sobre a realidade de Portugal, de modo a esclarecer as notícias desencontradas a propósito dos fatores que sugeriam a precipitação de um clima satisfatório à proclamação da República naquele país. O traçado

da viagem pode ser acompanhado a partir dos artigos que João do Rio enviou à imprensa desde o seu embarque, no porto do Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1908.²⁰ Originalmente, trata-se de um deslocamento que requisita as investidas do repórter, as atuações do jornalista. Porém, desde as primeiras impressões, salientando o clima a bordo do paquete *Araguaya*, da Mala Real Inglesa, percebe-se um regime textual que aponta para uma espécie de *journal de bord*, convocando o apetite do escritor-viajante.

É possível dizer que muitos desses relatos assumem uma estrutura compósita em que a viagem real e a viagem literária²¹ se confundem. Torna-se muitas vezes difícil verificar onde termina a reportagem no sentido documental e começa a narrativa no sentido literário. Certos registros contaminam a entonação do repórter assumindo um lugar fronteiro, entre o flagrante jornalístico e o entrecho que aponta para uma certa disposição de engendrar recursos da própria narrativa, traço que evoca os deslizamentos com os quais o escritor dimensiona os ditames da crônica como gênero híbrido, apto à captação do cotidiano da viagem, afeito às oscilações de um olhar em trânsito pelas variantes geográficas e culturais das cidades.

Desde o momento em que aporta em Lisboa, João do Rio endereça suas notas à construção de uma cartografia eminentemente guardiã de fabulações da subjetividade. Nas palavras de J. Carlos Rodrigues, João do Rio – que “vinha para ficar dois dias e ficou duas semanas” – “apaixonou-se de tal modo por Lisboa que isso marcou sua vida pessoal e profissional daqui por diante.”²²

Lisboa empolga-me. Qualquer coisa de impalpável parecia prender-me, ligar-me aos poucos à cidade(...). Nas ruas largas, na Avenida (...) no Rocio, em que as fontes marulham eternamente o segredo das águas, no largo do Paço, à beira das águas de opala líquida do Tejo (...). Nas velhas ruas estreitas, de antigos prédios esborcinados as recordações avultavam.(FCP, p.1)²³

Assim estava havia três dias na sedução de Lisboa, sem desejo de partir, e para resistir observava. (...) Estava radiante com a observação. Lisboa, porém sorria. Oh! Essa cidade sorri no céu, nas ruas, em tudo! (FCP, 2)

Que poderoso tóxico tem Lisboa! Que filtro estranho nos ministra essa criatura deliciosa, que bem se compreende ter sido inventada pelo sutil Odysseus.(FCP, 4)

Segundo Antelo, a passagem por Portugal facultaria a João do Rio uma experiência de reencontro, que pode ser classificada como *retorno à utopia de uma felicidade primigênia*.²⁴

Em Portugal, eu sou como um caso de delírio do atavismo, sou um patriota, que nunca aqui esteve. Amo o céu, amo o campo, amo a hospitalidade intelectual, caio de joelhos diante do túmulo de Luiz de Camões, simpatizo com as pequenas do fado, gosto dos fadistas. Que fazer? Volto à primitividade da franqueza. (FCP, p.12)

Na visita aos teatros da capital portuguesa, a admiração do escritor carioca pela arte dramática projeta-se em comentários, sobre a atuação de atores, peças e figurinos, que se conjugam com anotações requisitadas pelo afã de entrevistar escritores famosos, reeditando, de certo modo, o gosto pelos inqueritos literários, em páginas que esboçam, entre outras, a *silhueta* de Fialho d'Almeida, por quem nutria especial admiração.

O cronista carioca não manifesta apenas o seu encantamento pelo perfil cidadão, pelo traçado urbanístico de Lisboa, mas também pelas “fisionomias sorridentes e belas dos portugueses,” transpostas em seus relatos por um olho que agencia o filete do esteta.

E era por toda a parte essas caras quentes, esses olhos cheios de sonho e de luxúria, essas fisionomias boas e sorridentes, sorridentes e belas dos portugueses, eram os rostos petulantes das lusitanas, tão lindas as de linha aristocrática como as do povo, de pés nus, cor de coral rosa por causa do frio, o narizito para o ar, dois olhos ardentes maravilhados da vida. (FCP, p.2)

Já encontraste uma cara que não tivesse dois olhos bonitos, dois olhos molhados de êxtase, molhados de amor, gratos à vida? Não! Artistas e estetas graves já disseram que o homem de Portugal é o mais belo do mundo. E as mulheres, rapaz, quando não lembram Dante Gabriel Rossetti, lembram divinamente as figuras dos pintores do Renascimento. (FCP, p.3)

Ativando os impulsos do *flanêur*, João do Rio aparelha seus registros sobre Lisboa a partir de deambulações que, inicialmente, buscam permear o ambiente pitoresco do Chiado, os recortes arquitetônicos do Castelo de São Jorge, os contornos esculturais do Mosteiro dos Jerônimos; mas que, ao se estenderem pelo baixo mundo da Alfama e da Mouraria, percorrem casas de fado comprometidas com a prostituição e o ciganismo, impulsionando a concretização de textos cujas tramas mostram-se bastante próximas das investidas de suas narrativas pelo submundo carioca, que, de um lado, físgam o interesse decadente pela perversidade, e de outro vislumbram os componentes da miséria urbana, contracenando a contracorrente²⁵ dos ideais de civilização.

Afinal entravamos numa das tabernas (...). As baiúcas (...) lembravam coisas já talvez por mim vistas na Saúde no Rio. Uma atmosfera incorporada de fumo e de cigarros, da fumaça das coisinhas, embaçava os lampiões (...). Havia, esparsos pelas mesas, sentados em bancos, uns homens pálidos de cigarros no canto da boca, o olhar ou indeciso ou irônico. (...) De vez em quando entravam umas mulheres de cores vistosas e caras pintadas. (...) e algumas vindo de apanhar pastranas no Rocío, ao lado do D. Maria, surgiam à moda do Alentejo, a dar a sua “queijada” aos rufiões, a moeda ganha no mercado do corpo. (FCP, p.10)

Afinal, certa madrugada, após uma ceia com homens de Letras, no Tavares (...). Sentia desejos de perambular a noite inteira, de ir ver com aquela álgida escuridão as obras de Santa Engrácia na Alfama, de rir e de dizer tolices. (...) E descí o Chiado, devagar, convencido de que a vida era um sonho cor-de-rosa. Mas ao entrar no Rocío aumentou a chuva (...) o charuto apagou e o vento iracundo deu de lançar-me a chovarada contra o rosto. Levantei a gola do casaco e apressava o passo, quando senti por trás de mim uma voz:

– Meu senhor, meu senhor...

A voz saía de um portal. Voltei a cabeça vagamente. Era um vulto negro. Ora! Continuei. A voz, porém, insistiu:

– Tenha piedade, meu senhor, dê-me cinco réis para um pão...²⁶

João do Rio manifesta o prazer de reconhecer no Porto, como ele diz, *ruas evidentemente mães da antiga rua da Carioca*, expondo um tratamento textual que procura atender às sondagens de uma memória afetiva, enquadrando as terras lusitanas a partir de uma moldura idílica de “visitação às fontes.”

Basta lá passar uma semana para se ter certeza de que foi a gente do norte de Portugal que formou as nossas cidades (...) Descobri ruas evidentemente mães da antiga rua da Carioca, da rua Correia Dutra e, em arrabaldes, na estação da Boa Vista, por exemplo, não sabia bem se estava no Porto se no boulevard de Vila Isabel ou na estação final da rua Voluntários da Pátria.²⁷

Ao visitar o Douro, o Minho, a Beira, o escritor menciona a satisfação que o campo português proporciona à sua “vida febril de degenerado Homem da Cidade,” esclarecendo que suas passadas não circunscrevem os parâmetros externos do “viajante apressado,” do clássico turista “de Baedeker em punho,” mas do homem arrebatado por uma “secreta simpatia do Destino.”

E Deus quis, na sua infinita Bondade que eu vivesse um pouco da minha vida febril de degenerado Homem da Cidade em pleno campo português, visitando o Douro, visitando o Minho, visitando a delícia da Beira até o limite de Espanha. Ser turista em Portugal, o clássico turista de Baedeker em punho (...) é um crime horrível. Não se pode ser o viajante apressado num lugar sagrado. (...). Porque há entre a terra e o homem uma tal relação que é impossível sentir a beleza da terra sem pensar na alma da gente a ela ligada por uma secreta simpatia do Destino. (FCP, p.35)

Portanto, a relação de João do Rio com Portugal deflagra situações de deslocamento que afetam o contexto da exagerada e dependente francofilia da *Belle Époque*. Como o próprio autor observa na apresentação de *Fados, canções e danças de Portugal*, produzida em Nice, no mês de março de 1909, mostrando que o seu convívio com a memória lusitana destoa das noções de “civilização” e “pátria” praticadas pelos “snobs” e “snobinnetes” frequentadores dos salões cariocas.

Se eu dissesse tais coisas a propósito da modinha num salão carioca, os snobs, que acreditam a civilização pensar como na Abbaye da praça Pigalle, e as snobinettes, cuja noção de pátria se regula pelos decretos do Viot e os ukases dos reis dos fanfreluches Ruff e Paquin, fariam uma cara muito feia. (FCP, p.12)

No momento em que a remodelação da cidade conclama – pelas miragens do progresso – uma evidente ordenação anti-lusa, mostrar-se simpatizante do propósito de fortalecer os laços com o Antigo Reino equivalia, indiscutivelmente, a construir um discurso provocador. Diante dos diagramas jacobinos que aderem a tal contexto, como interpretar as indicações condensadas por João do Rio na exposição que faz de seu trabalho em *Portugal d’Agora*, “o único livro de um brasileiro sobre Portugal e de um brasileiro que, certo do futuro de sua pátria, ama fervorosamente Portugal?”

Fomentando a ampliação dos comentários acerca de sua relação com a então ainda “bastante poderosa e influente”²⁸ colônia lusitana no Rio de Janeiro, João do Rio – na ocasião em que funda, com o escritor português João de Barros, a binacional *Revista Atlântida* (1915) – fornece uma entrevista onde explica a origem do novo “mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil”

Meu caro amigo, Atlântida é a realização de uma idéia que surgiu no Porto no ano de 1908, em dezembro. Estava eu para embarcar para Lisboa e

estavam presentes Antonio Patrício, os dois irmãos Lello, Guerra Junqueiro, (...) Brandão o sensibilibo poeta, João Grave e João de Barros. Pela vigésima vez tínhamos verificado que se o Brasil se interessava menos por Portugal do que pela França, Portugal não se interessava ou antes ignorava tudo do Brasil. Nada mais lamentável(...) Resolvemos combater essa ignorância(...) A guerra veio definitivamente forçar a publicação da Atlântida.²⁹

No fluxo das ambigüidades e dos deslizamentos comuns ao entrevistado, que “guerra” veio definitivamente forçar a publicação dessa revista, que trazia no cabeçalho a indicação de seu “alto patrocínio” – os ministros das Relações Exteriores do Brasil e dos Estrangeiros e do Fomento de Portugal?

Acompanhando os relatos de sua última viagem à Europa, percebemos que o escritor faz comparecer um olhar melancólico na observação das paisagens de um tempo afetado pela guerra, mas um olhar igualmente empenhado em recolher nas *cintilações do progresso* o crepúsculo de uma época. Durante a viagem de volta, João do Rio produziu o conhecido texto *O Brasil após a guerra*, apresentado como conferência na Faculdade de Direito de Pernambuco, por ocasião da escala do navio *Cuiabá*, na cidade do Recife, em 6 de agosto de 1919. Nesse texto, ele critica os pais brasileiros que mandam educar os filhos no estrangeiro *para fazê-los pedantes, alheios à sua pátria (...) à espera dos transatlânticos para cair em êxtase admirativo diante do que vem de fora (...) Como ir adiante, quando julgamos mal tudo que é nosso?*³⁰

Que intenções estimulam o escritor a propor nessa conferência uma espécie de intertexto com o artigo *Quando o brasileiro descobrirá o Brasil?* publicado, exatamente, onze anos antes, às vésperas de sua primeira viagem à Europa? Que signos encadeiam o viajante entre o texto-arremate e o texto-prefácio dessas viagens?

Podemos dizer que nas anotações desses deslocamentos o escritor carioca não engendra esboços ou rascunhos que comprometessem seus anunciados livros de viagem com as atribuições de uma *literatura epidérmica* ou de *panegírico*. Ao contrário. Nos textos que relatam suas passagens pela Europa, João do Rio fez com que a lente do cronista filtrasse a mirada do repórter, nutrindo o desejo de tecer a fala de um narrador ambíguo, ao arregimentar comentários que esgarçam os limites entre o eu-civil e o eu-da-escrita, tramitando a intenção de ficcionalizar segmentos que mobilizam uma atitude desconstrutora do contorno entre a viagem real e a viagem literária, emitindo jogos intercalados entre o *cosmopolita de bagagem* e o *cosmopolitismo livresco*.³¹ Assim, acreditamos que as premissas desses relatos – protocolados pelo alçamento concreto do corpo-viajante – encampam a

disposição do autor em conferir as “viagens” da própria escritura, desafiada a cruzar fronteiras que confirmassem o visto de seu passaporte para a Modernidade, desdobrando em seus polêmicos *desvios* por terras lusitanas uma busca de *retour*³² a si mesmo, numa singular experiência de repatriamento.

Fiz bem? Fiz mal? O amor de uma terra a isso me forçou, o misterioso Destino assim resolveu que se cristalizasse um pouco de tão doces emoções sugeridas por Portugal. (FCP, p.30)

Notas

¹ Pesquisa desencadeada por Gentil Luiz de Faria, em *A presença de Oscar Wilde na Belle Époque literária brasileira*. São Paulo: Pennartz, 1988, p. 85.

² Ver PRADO, Antonio Arnoni. “Mutilados da Belle Époque” (In: Schwarz, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982) e “Dialética da grã-finagem” (In: MENEZES, Emílio de. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980)

³ RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Paris: H. Garnier, 1908.

⁴ GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 30.

- ⁵ EULALIO, Alexandre. "João do Rio ou a religião da moda." In: REMATE DE MALES. São Paulo: UNICAMP, junho/1993, p. 217.
- ⁶ RIO, João do. *As religiões do Rio*. Rio de Janeiro: H. Garnier, s/d.
- ⁷ VELLOSO, Monica. *As tradições populares na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.
- ⁸ BENCHIMOL, Jaime Larry. "Os deserdados da urbe renovada." In: – *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. (Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990).
- ⁹ BENCHIMOL, Jaime Larry. "A modernização do Rio de Janeiro." In: DEL BRENA, Giovanna Rosso. (Org) *O Rio de Janeiro de Pereira Passos. Uma cidade em questão*. Rio de Janeiro: Index, 1985, p. 606.
- ¹⁰ CANDIDO, Antonio. "Radicais de ocasião." In: – *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 198.
- ¹¹ ANTELO, Raúl. *João do Rio: o dândi e a especulação*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, p. 84/85.
- ¹² NITRINI, Sandra. "Viagens reais, viagens literárias. Escritores brasileiros na França" In: *Literatura e sociedade*. São Paulo: EDIUSP, 1998. n. 3 p. 51/61
- ¹³ SCHWARTZ, Jorge. "A cosmópolis: do referente ao texto." In – *Vanguarda e cosmopolitismo*. São Paulo, Perspectiva, 1983.
- ¹⁴ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 98.
- ¹⁵ ANTELO, Raúl (1989), p. 82/83.
- ¹⁶ RIO, João do. *Portugal d'Agora*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.
- ¹⁷ SCHWARTZ, Jorge. (1983), p.15.
- ¹⁸ RIVAS, Pierre. "Paris como capital literária da América Latina." In: CHIAPPINI, Ligia e AGUIAR, Flávio Wolf de. (Org). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 97/114.
- ¹⁹ MAGALHÃES Jr, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 93.
- ²⁰ Grande parte dessas informações foram recolhidas do notável trabalho realizado pelo jornalista e pesquisador João Carlos Rodrigues em *João do Rio: uma bibliografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- ²¹ Ver NITRINI, Sandra. (1998), p. 58.
- ²² RODRIGUES, João Carlos (1996) p. 90.
- ²³ As citações extraídas dos livros de João do Rio *Fados, canções e danças de Portugal*. (Rio de Janeiro: Garnier s/d) estão indicadas mediante a sigla FCP, seguida do número da página.
- ²⁴ ANTELO, Raúl. (1989), p. 86.
- ²⁵ Ver LEVIN, Orna Messer. *As figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- ²⁶ RIO, João do. Apud. MAGALHÃES Jr, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 97.
- ²⁷ RIO, João do. "Impressões do Porto." In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/07/1909.
- ²⁸ SENNA, Homero. "Paulo Barreto, cronista de uma época." In: *Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento de Paulo Barreto*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1981, p. 12.
- ²⁹ Ver RODRIGUES, João Carlos.(1996), Topbooks, 1996, p. 190.
- ³⁰ RIO, João do. "O Brasil após a guerra." In:– *Adiante!* Lisboa: Bertrand, 1919.
- ³¹ Ver SCHWARTZ, Jorge. (1983)
- ³² Ver RIVAS, Pierre (1993), p. 99.